

Proprietários querem aumento

Os proprietários dos 40 mil hospitais, clínicas e laboratórios conveniados ao Sistema Único de Saúde (SUS) iniciaram, ontem, uma campanha para denunciar o caos na saúde pública brasileira.

Mas a campanha centra-se basicamente num ponto: o reajuste dos valores pagos pelo SUS aos estabelecimentos hospitalares.

“A saúde está na UTI”, afirma o médico Cláudio Allgaeyr, presidente da Confederação Nacional de Saúde (CNS).

“Desde o início do Plano Real, 154 hospitais brasileiros já fecharam as portas ou pararam de atender pacientes do SUS”.

Segundo Allgaeyr, o valor pago pelo SUS para cada consulta é de R\$ 2,04. A diária hospitalar, incluindo leito, roupas, quatro refeições, plantão médico e assistência de enfermagem, varia entre R\$

3,53 e R\$ 6,50.

“Por conta disso, queremos um reajuste linear de 45%”, diz o presidente da CNS. “É o mínimo possível para cobrir os reajustes salariais e aumento nos preços dos insumos”.

Redutor — Cláudio Allgaeyr afirma, ainda, que o Real só tem prejudicado os estabelecimentos conveniados. Ele lembra que, em 1º de junho do ano passado, ao lançar a nova moeda, o governo aplicou um redutor de 36%.

“Fomos obrigados a aceitar porque as perdas com a inflação e com os atrasos nos pagamentos seriam piores”, ressalta. “Mas nesses 11 meses fomos obrigados a reajustar os salários dos trabalhadores em 40%, em média”.

Além de usar todos os espaços possíveis na imprensa, a campanha vai utilizar todas as formas de

pressão possíveis.

Ontem, os líderes do movimento comunicaram oficialmente ao ministro da Saúde, Adib Jatene, a largada da campanha. Tentam, ainda para esta semana, audiência com o ministro da Fazenda, Pedro Malan.

Mas, junto à Frente Parlamentar de Saúde, formada por deputados e senadores donos de hospitais, pretendem pressionar diretamente o presidente Fernando Henrique.

Os donos de hospitais não apresentarão ao governo propostas concretas. Nem defendem a volta do Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF).

“Não sei se somos os mais indicados para isso”, defende-se o presidente da Federação Brasileira dos Hospitais, Mansur José Mansur. “Mas o governo tem de fazer alguma coisa urgentemente”. (CM)